

A DIFÍCIL PASSAGEM DAS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS PARA O SABER COMPLEXO

Nildo VIANA¹

RESUMO: O artigo discute a questão da difícil passagem das representações cotidianas para o saber complexo, pois este último, devido sua sistematicidade e caráter mais abstrato, não é de fácil assimilação. Essa dificuldade, ao lado de outras determinações, é a geradora da formação ritual e das representações mescladas e é algo relativamente comum no ensino superior em todo o mundo. Nesse sentido, explicitar o processo de explicação desse fenômeno assume grande importância no debate educacional contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Representações cotidianas. Saber complexo. Formação ritual.

O debate em torno da formação intelectual, especialmente no nível do ensino superior, nos coloca vários problemas a serem discutidos, principalmente as dificuldades de assimilação do pensamento complexo e o predomínio das representações cotidianas nas universidades. A hipótese que apresentaremos aqui é a de que uma forma específica de representações cotidianas predomina nas universidades, a que chamaremos representações mescladas, geradas por uma formação que denominamos ritual (VIANA, 2005).

As representações cotidianas são as diversas formas de manifestação do saber popular, da cultura popular e que alguns denominam “senso comum” ou “representações sociais” e o pensamento complexo são as formas complexas de consciência, tal como a teologia, a ciência, a filosofia (VIANA, 2008). As representações cotidianas podem ser “traduzidas” pelo pensamento complexo, tal como Marx coloca a respeito da economia política que traduz as concepções cotidianas dos agentes do processo de produção para uma linguagem científica (MARX, 1988). Assim, as representações cotidianas tornam-se ideologias ou teorias. O processo inverso também pode ocorrer, isto é, o saber complexo (ideologias, teorias) também pode ser traduzido pelas representações cotidianas, ocorrendo, neste caso, sua simplificação, o que lhe faz perder sua complexidade, tal como coloca Moscovici (1977) em seu texto sobre a recepção da psicanálise pela população. No primeiro caso temos um processo de complexificação (sistematização ou estruturação) e no segundo um processo de simplificação (desestruturação). “Assim, as representações cotidianas podem desestruturar o saber

¹ Professor da Faculdade de Ciências Sociais. UFG – Universidade Federal de Goiás; Doutor em Sociologia. UnB – Universidade de Brasília. Brasília – DF – Brasil. 70910-900 - nildoviana@ymail.com

complexo através da simplificação e este pode estruturar o saber comum através da complexificação [...]”. (VIANA, 2000, p.78).

A formação intelectual dos cientistas deveria significar que o profissional passaria do universo das representações cotidianas para o do saber complexo. Sendo assim, eles deveriam ser portadores de um pensamento complexo. Porém, isto nem sempre ocorre, ou melhor, raramente ocorre. É justamente isto que iremos discutir no presente texto.

Todas as ciências humanas possuem uma dualidade. Há sempre uma corrente positivista e uma corrente crítica. É neste sentido que se pode falar em geografia crítica, sociologia crítica, etc. (VIANA, 2000). Desta forma, a concepção positivista é uma sistematização das representações cotidianas ilusórias, ou, como diz Marx, uma “tradução” delas. A diferença entre ambas está no fato de que o positivismo é um saber sistemático. Neste sentido, há uma correspondência entre positivismo e representações cotidianas ilusórias e há, entre elas, uma confirmação recíproca. No entanto, aqui estamos ainda no caso apontado por Marx, uma sistematização ou uma tradução das representações cotidianas ilusórias pelo pensamento complexo.

No entanto, se o processo de aquisição do saber complexo é realizado apenas parcialmente, aí temos é uma mescla entre representações cotidianas e pensamento complexo. Isto significa que o profissional em questão conseguiu uma formação adequada. O seu processo educacional formal não foi suficiente para ele estabelecer um domínio de algum setor do saber complexo. Ele domina apenas fragmentos, elementos formais ou de linguagem a respeito desse saber.

A possibilidade da constituição de representações mescladas ocorre na formação intelectual dos cientistas e filósofos. Assim, é preciso discutir o tipo de formação intelectual do profissional em questão. A formação escolar não é homogênea e nem todos concluem seu curso superior com o domínio do *metier* de sua disciplina. As determinações deste fenômeno são várias, incluindo desde a instituição em que ocorreu a formação, quais as condições do estudante, qual seu saber acumulado anterior ou o seu “capital cultural”, para utilizar a expressão problemática de Bourdieu e Passeron (1982) ao ingresso nela, a realidade educacional do país, as políticas educacionais, a estrutura das universidades, a formação docente, o grau de engajamento do estudante, etc. Assim, podemos considerar a existência de dois tipos de formação, a ritual, que significa a conclusão de um curso, com seus diplomas e ritos, e a estrutural, que além do processo formal/ritual, abrange o domínio mais amplo da

disciplina ou da área do saber complexo a que se propôs realizar a formação. Isto quer dizer que nem sempre as pessoas que concluem um curso superior e se tornam aptas legalmente a exercerem uma profissão científica, possuem uma formação estrutural. A formação ritual significa a titulação e um restrito acesso ao saber científico de sua área.

Assim, o processo de constituição de representações mescladas tem como condição de possibilidade a formação ritual, que permite a simultânea simplificação do saber científico e tradução das representações cotidianas em linguagem científica, onde o peso de cada um, ou seja, se há predomínio do saber científico ou das representações cotidianas, depende do indivíduo em questão. No entanto, como não há, neste caso, o domínio do pensamento complexo, então as representações mescladas são apenas uma forma de manifestação das representações cotidianas, embora diferente formalmente e com elementos fragmentários e superficiais de pensamento complexo. Esse é o caso daqueles que trocam análises aprofundadas por chavões e fórmulas simplistas, inclusive na interpretação dos autores e pensadores em geral.

Neste processo se revela o fato de que as ideias originadas das representações cotidianas que são referentes ao aspecto da realidade tratada por sua disciplina científica só permanecem quando coincidem com as do pensamento científico e vice-versa, ou seja, nas representações mescladas somente o *conteúdo coincidente* (em relação ao tema de estudo e trabalho profissional) das duas formas de consciência continua existindo. Mas, pode-se dizer, no processo de assimilação do pensamento científico pelas representações cotidianas e vice-versa, isto também ocorre.

A diferença reside na forma como isto ocorre: nas representações mescladas há predomínio formal das representações cotidianas, isto é, o conteúdo coincidente entre as duas formas de consciência permanece mas sob a dinâmica do saber cotidiano, o que significa que submetido ao processo de simplificação, naturalização e regularidade e, principalmente, comandado pelo núcleo das representações cotidianas, ou seja, pelas convicções dos indivíduos que as produzem, e que remetem aos valores fundamentais, crenças arraigadas, etc. Assim, a convicção assume o papel fundamental e o saber científico fica presente formalmente, enquanto conceitos dispersos, ideias científicas naturalizadas, etc. O próprio saber científico se torna, assim, parte da convicção, pois lhe fornece legitimação, mas perde sua complexidade e passa a fornecer explicações simples. Obviamente que a escolha de determinadas concepções (a opção por um método de análise, por uma teoria ou ideologia,

etc.) tem como uma de suas determinações as convicções dos indivíduos que as produzem e reproduzem. No caso das representações mescladas, o que ocorre é que as convicções acabam sendo uma das principais fontes de simplificação.

Assim, partindo da idéia de Young (1982) a respeito das estratificações sociais do saber, podemos acrescentar a existência de uma estratificação social no processo de formação. Neste caso não se trata da existência de estratos de saber comandados por uma hierarquia e sim de estratos de complexidade no processo de aquisição-formação-transmissão nos saberes científicos. Nós podemos esboçar uma tipologia de saberes científicos: a) o saber científico fundador, clássico; b) o saber científico estruturante, inovador; c) o saber científico vulgar; d) o saber científico ritual, formal, um não-saber científico que se afirma científico.

O saber científico fundador ou clássico, é aquele que traz a marca de uma nova ciência, que produz novos horizontes teóricos ou científicos, “descobre continentes”, tal como coloca Althusser (1991). Este é caso do pensamento de Marx, Freud, entre outros, sendo que, tal como coloca Althusser, um descortinou o “continente história” e o outro o “continente do inconsciente”. Tal tipo de saber científico se assemelha ao que Kneller denominou “teorizadores”, embora sem o psicologismo de sua abordagem:

De um modo geral, os teorizadores são pensadores afoitos com um impulso irrefreável para desafiar e contestar idéias aceitas. [...] São, de um modo geral, extremamente inventivos, produzindo uma hipótese atrás de outra. Einstein explorou todos os domínios da Física, abrindo novos caminhos em mecânica, eletromagnetismo, teoria quântica, gravitação e no campo unificado. [...] A tendência dos teorizadores é para se comprometerem profundamente com suas idéias, defendendo-as muitas vezes com agressividade. [...] Mas, que promovam ou não suas idéias, os teorizadores têm usualmente grande confiança nelas, uma confiança que ajuda a resistir à oposição com que o pensamento original tão freqüentemente se defronta. (KNELLER, 1980, p.156-157).

O saber científico estruturante ou inovador é aquele que produz novas teses, conceitos, etc., que são integrados no patrimônio teórico ou científico da humanidade, mas que partem de uma ciência já formada, de um paradigma já constituído, tal como é o caso dos seguidores de Marx e Freud que fizeram inovações, estruturaram teorias a partir dos fundamentos lançados por estes pensadores, um desenvolvimento do saber. Este é o caso de Korsch, que deu prosseguimento à teoria de Marx, e Melanie Klein, continuadora de Freud, para citar dois exemplos. Há também aqueles que fazem uma reviravolta e alguns até mesmo criam uma dissidência no interior de um saber clássico, tal como no caso de Gramsci, em relação ao

pensamento de Marx, e Jung, no que se refere ao pensamento de Freud, seja se dizendo ortodoxo, como no primeiro caso, ou não, como no segundo.

Este é um saber referenciado, mas não cristalizado, estagnado. O saber inovador é aquele que produz pesquisas, aplica teorias a casos concretos (“empíricos”), desenvolvendo teorias derivadas de uma teoria maior, ou desenvolvendo pesquisas concretas, reformulando a partir de tais pesquisas uma determinada concepção ou confirmando-as. O saber inovador pode ser mais concreto (“empírico”) ou mais teórico, ou ambos. É por isso que a abordagem de Kneller sobre os “intermediários” e “empiristas” coincide com nossa tipologia do saber inovador, pois ambos se encaixam aqui.

Segundo Kneller (1980, p.156), “[...] os empiristas são usualmente metódicos e meticulosos. Suas energias são absorvidas na observação, experimentação e mensuração dos fenômenos com extrema precisão”.

Finalmente, existem cientistas que são competentes em ambas as formas de trabalho. Os intermediários podem pensar ousadamente mas, por via de regra, preferem trabalhar dentro de uma tradição estabelecida. Rutheford e Fermi são notáveis exemplos. Rutheford era primordialmente um experimentalista. Fermi foi um teórico. Ambos pensavam ousadamente mas não especulativamente. Um exemplo algo diferente é o físico de origem austríaca Paul Ehrensfest, mais um crítico do que um experimentalista. (KNELLER, 1980, p.158).

Aqui devemos abrir um parêntesis para dizer que a concepção de Kneller é psicologista por derivar as características dos indivíduos enquadrados em sua tipologia a partir tão-somente de sua personalidade, sendo que existem diversas outras determinações para que tal ocorra. Existem, por exemplo, o local de formação do indivíduo em questão, as influências, o processo histórico de vida, as modas científicas da época, a tradição nacional (os ingleses, por exemplo, tem uma tradição empiricista mais forte, enquanto que os franceses possuem uma tradição teoricista mais arraigada), os valores e mentalidade de tais indivíduos, a sua classe social de origem, entre outras determinações.

O saber científico vulgar é aquele que não é fundador e nem inovador, que não avança, ou seja, apenas reproduz o saber já instituído. Aqui temos um conjunto de profissionais que apenas reproduzem o saber estabelecido, raramente fazendo pesquisas, publicando, produzindo resultados, sejam “empíricos”, teóricos ou ambos. São aqueles que se dedicam exclusivamente à atividade docente, o que alguns chamariam de “transmissão do saber”.

Por fim, temos o saber científico desqualificado, que é, na verdade, um não-saber científico, que se caracteriza por possuir alguns elementos do saber complexo mesclados com representações cotidianas. Este é possibilitado pela dificuldade de apreensão do saber científico (devido sua sistematicidade e caráter mais abstrato) ou mesmo do saber escolar (SARUP, 1980), reforçado por condições específicas, concretas, sociais. São aqueles que realizam apenas uma formação ritual.

Assim, as representações mescladas são possíveis graças a esta formação ritual. E, no caso em que elas reproduzem representações cotidianas ilusórias, isto ocorre graças não só a esta formação, mas também ao positivismo enquanto concepção daqueles que produzem tais representações, além da formação anterior do indivíduo em questão, o que remete aos seus valores, representações, etc.

Por fim, podemos colocar que este saber científico formal é condição de possibilidade das representações mescladas. Trata-se de uma forma de representação que não é igual à tradução das representações cotidianas em pensamento sistemático (ideologia, como manifestação de um saber inovador) – tal como Marx colocava – ou sua reprodução (saber vulgar) e nem é equivalente às representações cotidianas que traduzem o saber sistemático e realizam sua simplificação – tal como na tese de Moscovici.

Desta forma, observamos que a condição de possibilidade das representações mescladas se encontra na formação ritual. Quanto ao seu conteúdo, ele pode ser ilusório, desde que seu fundamento seja o positivismo, ou crítico, quando o seu fundamento é o pensamento complexo crítico, mas será, neste caso, devido às características das representações cotidianas, sob a forma dogmática e manifesta através de fórmulas simples, o que facilita a veiculação de concepções fetichistas e deterministas. A fonte das representações mescladas é a formação ritual e esta é gerada por um conjunto de determinações sociais que fizemos uma breve alusão aqui e cujo estudo mais aprofundado requer uma pesquisa que pretendemos realizar em outra oportunidade.

THE DIFFICULT TRANSITION FROM EVERYDAY REPRESENTATIONS FOR COMPLEX THOUGHT

ABSTRACT: *The article discusses the difficult transition from everyday representations for complex thought, for the last, due to its systematic and a more abstract, is not easily assimilated. This difficulty, along with other determinations, is generating ritual formation and representations merged and is relatively common in higher education worldwide. In this*

sense, explain the process of explaining this phenomenon is of great importance in contemporary educational debate.

KEYWORDS: *Everyday representations. Ritual formation. Complex thought.*

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Freud e Lacan, Marx e Freud**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A Reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

KNELLER, G. F. **A ciência como atividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar; São Paulo: EDUSP, 1980.

MARX, K. **O Capital**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 1 v.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

SARUP, M. **Marxismo e educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

VIANA, N. Formação Ritual e Universidade. **Jornal A Página**, Porto, 14 nov., 2005. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=4223>>. Acesso em: 04 nov. 2005.

_____. **Senso Comum, representações sociais e representações cotidianas**. Bauru: EDUSC, 2008.

_____. Sobre as ciências sociais. **Estudos – Revista da Universidade Católica de Goiás**, [S.l.], v.27, n.4, out./dez., 2000.

YOUNG, M. Uma abordagem do estudo dos programas enquanto fenômenos do conhecimento socialmente organizado. In: GRACIO, S.; STORR, S. (Org.). **Sociologia da Educação II**. Lisboa: Horizonte, 1982. p.151-187.